

POR JÚLIA CHRISTINE*

Para uma comunicação profunda e assertiva com os seres vivos, é necessário compreender questões físicas, emocionais e intelectuais. No caso dos pets, essa transmissão se torna mais complexa pela ausência da verbalidade animal. Entretanto, com o avanço da ciência veterinária integrativa, alguns profissionais acreditam que é possível se comunicar de forma mental com os bichos. O tema é polêmico, mas tem ganhado força.

Apesar dos relatos positivos e dos avanços teóricos, a comunicação entre espécies ainda não é reconhecida pela ciência como um fenômeno comprovado. Pesquisadores como Rupert Sheldrake, Grinberg-Zylberbaum e Miguel Nicolelis já estudaram possíveis bases energéticas, neurológicas e até quânticas para a transmissão de informação entre seres vivos, mas o consenso científico exige décadas de testes e contraprovas.

Esse movimento, porém, tem alterado a relação entre tutores e clínicas. O que antes era sugerido, com cautela, “para clientes que acreditam”, agora faz parte das recomendações formais de muitos veterinários, sem justificativas aparentes. Profissionais recebem as comunicações intuitivas para ajudar em diagnósticos, apoiar decisões terapêuticas ou apoiar emocionalmente o animal em períodos de tratamento.

Na prática, a comunicação intuitiva propõe que tutores e animais conversem e se entendam de forma clara e direta, como em uma sessão telepática. De acordo com Sabina Scardua, médica veterinária especialista em comportamento animal, a conexão de consciências é feita com intenção e foco. “Fazemos perguntas específicas ao animal e recebemos a resposta em nosso campo mental”, detalha.

Sabina explica que, durante a sessão, as informações podem ser transmitidas de forma física, emocional ou mental. “Pode ser de maneira energética, quando percebemos uma força, uma virtude ou uma presença específica. De forma intuitiva, recebemos respostas naturalmente, fora das limitações de tempo e espaço, algo comum entre animais e tutores. Telepaticamente, fazemos a pergunta e a resposta surge imediatamente na nossa tela mental ou diretamente no corpo, dependendo do que foi questionado. E, pela empaticidade, sentimos a emoção do animal.”

O comunicador é livre para trabalhar de formas diferentes, variando conforme o animal, a espécie ou a raça. Já a interação, na prática, pode ser feita presencialmente ou à distância, bastando uma foto do pet. “Converso primeiro por videochamada com o tutor, que pode fazer de 15 a 20 perguntas para o animal, como onde sente dor, se existe algum medo ou qual é a comida ideal”, explica.

O QUE O SEU PET TEM A DIZER?



Arquivo pessoal

Prática polêmica, mas cada vez mais presente nos consultórios de veterinária, a comunicação intuitiva permite acessar a mente dos animais e compreender suas emoções

Assim que a chamada é finalizada, Sabina se conecta com o bicho por meio da foto e, ao final, retorna ao tutor em uma nova videochamada para transmitir as respostas. “Também existem profissionais que deixam livre para ver o que o animal traz espontaneamente e não fazem perguntas específicas”, diz.

Resposta emocional

O impacto da prática em Pipoca foi tão profundo que Bruna Leite, tutora, decidiu manter as sessões. A cadela começou a convulsionar em 2019 e, desde então, vive sem um diagnóstico fechado, sendo tratada como um caso de epilepsia idiopática. Na busca por respostas e algum consolo, Bruna encontrou a prática e se emocionou ao entender do que se tratava.

“A primeira comunicação que fiz da Pipoca foi um divisor de águas. Entender um pouco do que se passa na cabecinha dela me deu mais confiança para seguir em frente”, afirma. Desde então, Pipoca já passou por três sessões, e a tutora diz se sentir reconfortada e com mais esperança. “Nos dias difíceis, revisito aquelas palavras. Elas me lembram que não estamos sozinhas.”